

A Teoria das Operações Enunciativas na produção textual: reescritas de conto de fadas por alunos do Ensino Fundamental I

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v50i2.2964>

Marlene Aparecida Viscardi Mantovani¹

Marilia Blundi Onofre²

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a reescrita do conto de fadas “Chapeuzinho Vermelho” produzida por alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I de modo a levantar e descrever as operações enunciativas acionadas especificamente como estratégia de conclusão de narrativa. Os alunos encontram-se no processo de aquisição da língua escrita e, por isso, fundamentamo-nos nos conceitos teóricos defendidos pela Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas – TOPE – do linguista Antoine Culioli. A escolha pela Teoria Enunciativa justifica-se pelo fato de a considerarmos um referencial teórico fundamental para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem de língua e, conseqüentemente, o desenvolvimento linguístico-cognitivo do aluno.

Palavras-chave: Teoria enunciativa; operações enunciativas; reescrita; conto de fadas; Linguístico-cognitivo.

1 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; viscardi.marlene@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-5603-1904>

2 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; blundi@uol.com.br; <https://orcid.org/0000-0002-7075-310X>

The theory of enunciative operations in textual production: rewriting of a fairy tale by elementary school students I

Abstract

This article aims to analyze the rewriting of the Fairy Tale "Little Red Riding Hood" produced by students of the 3rd. year of Elementary School I to raise and describe the enunciative operations specifically triggered as a narrative completion strategy. The students are in the process of acquiring the written language and, therefore, we are based on the theoretical concepts defended by the Theory of Predicative and Enunciative Operations - TOPE - by the linguist Antoine Culioli. The choice for the Enunciative Theory is justified by the fact that we consider it a fundamental theoretical framework for the development of language teaching and learning and, consequently, the linguistic-cognitive development of the student.

Keywords: enunciative theory; enunciative operations; rewritten; fairy tale; Linguistic-cognitive.

Introdução

A pesquisa de Pós-doutoramento *A modalidade Linguística na produção escrita de teses e sínteses: uma análise das reescritas de Contos de Fadas por alunos do Ensino Fundamental I* resultou neste artigo que tem como objetivo apresentar e discutir como o aluno, coenunciador, enquanto sujeito, produz textos com marcas linguísticas de modalização e como ele aciona essas operações linguísticas especificamente como estratégias de conclusão de narrativas. Este estudo se insere na TOPE (Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas) proposta pelo francês Antoine Culioli que trata a produção textual como um processo dinâmico e, assim, a atividade linguística torna-se questionadora, aberta e criativa, possibilitando a aprendizagem da língua e da linguagem de maneira construtiva.

A produção textual, os dados, que constituíram o *corpus* foram coletados em situação de sala de aula; a professora titular da sala leu em voz alta para os alunos e, logo a seguir, solicitou a eles que reescrevessem o conto "Chapeuzinho Vermelho". A análise dos dados coletados foi feita sob a ótica da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, observando as marcas linguísticas presentes nestes textos, como a noção de causalidade/consequência, o conceito de domínio nocional da noção certo/errado, a presença do embrião da dissertação nos enunciados, ou seja, o aluno inclui como conclusão da narrativa uma espécie de moral tentando opinar e validar o seu enunciado. Conforme observações e análises, alguns aprendizes conseguiram somente interpretar a narrativa; no caso desse conto, defenderam um caminho a seguir: "obedecer à mamãe e não falar com estranhos" e marcas linguísticas em várias direções: negativa, positiva, negativa e positiva segundo processos doutrinados do que é certo ou errado, de acordo com a experiência físico-cultural e social do aprendiz.

Como se trata de envolvimento com questões de ensino, cabe ressaltar a importância de refletir sobre alguns fundamentos da TOPE. Apesar da Teoria Culioliana não estar voltada exclusivamente para o ensino, ela contribuiu para o desenvolvimento da atividade de linguagem, proporcionando o desenvolvimento linguístico-cognitivo do aluno, que constrói o domínio nocional e com sua criatividade reflete sobre a própria língua.

Alguns conceitos da TOPE

A TOPE – Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas considera a língua como um sistema de representação da atividade de linguagem produzida por interlocutores em interação. Nesse processo dialógico, realizam-se as operações de representação mental, a referenciação e a regulação.

A representação mental se dá pela forma de apreensão do mundo pelo sujeito. É um processo que se reflete na linguagem e se caracteriza por construir as noções (linguísticas e extralinguísticas) que adquirem forma quando entram em relação com outras noções. Os processos referenciais consistem nas operações de localização das noções em um dado tempo e espaço. A regulação define-se por ser a relação enunciativa instaurada entre os sujeitos enunciadores. Essa operação é central na atividade de linguagem, pois os sujeitos realizam os ajustes na atividade linguagística.

Segundo a teoria de Culioli (1990, 1999a, b), a TOPE – Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, construir um sistema de representações metalinguísticas manipuláveis e operacionais possibilita o estabelecimento de uma correspondência entre as configurações linguísticas, concebidas como agenciamentos de marcadores no texto oral e/ou escrito, e as operações abstratas.

Para Culioli (1999b), a modalidade pode ser considerada uma operação de determinação e sua função ocorre na configuração semântica das representações, na construção dos valores referenciais e na localização das posições enunciativas dos sujeitos. Sendo assim, ela assinala o ponto de vista do enunciador sobre um conteúdo que constrói linguisticamente, evidenciando inclusive o seu posicionamento em relação a um coenunciador.

O sujeito enunciador expõe um conteúdo de pensamento que ele mesmo considera ora como uma verdade, ora como uma hipótese, ora como um questionamento, podendo exprimir uma ordem, uma obrigação ou um desejo. A modalidade opera sobre dois planos: a) relação do sujeito enunciador com o conteúdo que ele mesmo constrói – relação entre sujeito enunciador e a relação predicativa, aqui ocorre a avaliação das chances de realização da relação predicativa; b) relação do sujeito enunciador com o coenunciador – trata-se da relação intersubjetiva.

Segundo Valentim (2004), a modalização é um dos temas menos tratados nos estudos linguísticos, mas, no domínio da lógica ele é privilegiado. Os valores modais confluem para a determinação de qualquer enunciado, juntamente com os valores temporais-aspectuais, resultando da localização da relação predicativa em relação ao sujeito enunciador ou a uma classe de sujeitos enunciadores.

Em relação à predicação, o sujeito enunciador, em um primeiro momento, ordena os termos da léxis, decidindo qual termo será a origem da relação predicativa, operação de natureza predicativa. A léxis é considerada pré-modal e pré-assertiva. Ela se reveste de um valor modal mediante operações enunciativas que operam sobre a relação predicativa. Por via dessas operações enunciativas, a enunciação por um sujeito enunciador implica uma modalização. O sujeito enunciador, ao construir uma léxis, constrói um conjunto fechado de relações intraléxicais.

Na relação intersubjetiva, o sujeito enunciador é considerado o centro organizador do enunciado, remete ao interlocutor por meio do seu dizer e, assim, determina duas modalidades fundamentais: 1) modalização que reflete os modos de dizer, de predicar, onde o sujeito recorre aos índices linguísticos que expressam seus modos de apoio; 2) relação intersubjetiva está em jogo, implicando uma distância em relação ao que é visado; situações de desejo, de vontade, de ordem.

Na questão da modalização, o sujeito desempenha um papel fundamental, pois ele se inscreve no sistema linguístico como um parâmetro teórico e metalinguístico e vai acarretando o estabelecimento de uma classe de sujeitos, localizados entre si, responsáveis pela construção de valores referenciais da categoria modalidade.

O sujeito, ao instanciar-se como sujeito enunciador pela e na enunciação, determina valores temporais-espaciais, possibilitando a construção de um sistema de referência. O sistema de referência, considerado como um localizador das estruturas abstratas que o sujeito enunciador constrói pela e na enunciação, é consequência e condição de toda a enunciação.

A categoria linguística da modalidade é definida graças ao conjunto de processos pelos quais o sujeito localiza uma relação primitiva. Culioli (1985) considera que as expressões modais apresentam um “nó de valores” e não funcionam de maneira estanque. A modalidade opera sempre em dois planos: relação do enunciador com o conteúdo que ele diz e a relação do enunciador com o coenunciador. O autor propõe uma descrição metalinguística dos valores da categoria de modalidade, em função das operações enunciativas que as suas ocorrências marcam.

Segundo a TOPE, a modalidade marca um certo tipo de relação entre o sujeito e seu enunciado, que, conseqüentemente, constrói julgamentos. Ela se constrói inicialmente, a partir da representação do sujeito que age sobre o mundo e sobre os outros, dando origem à representação linguística.

As modalidades são: de asserção (afirmação ou negação), de interrogação e de ênfase; a modalidade do necessário, do possível, do eventual ou do provável que indica certa positividade dos enunciados, de possibilidade que suscita divergência entre o possível e o impossível, o que remete à eventualidade (ex.: É possível que...); o possível pode corresponder ao factível, ou seja, significa que algo pode ser feito ou não; no caso de necessidade há um único valor, na qual se destaca a distância em relação à atual realização de algo. Já a modalidade apreciativa é centrada sobre o sujeito enunciador. Nela ocorre a construção de um juízo de valor, uma apreciação sobre uma relação predicativa já constituída e validada. Ela também remete a um jogo de polarização entre o bom/mau que se opera sobre os casos avaliados. Para interpretar este tipo de modalidade, deve-se levar em conta que ela está associada ao grau de agentividade do processo, do termo fonte e da dimensão intersubjetiva do contexto. Enquanto a modalidade intersujeitos marca a relação entre enunciador e um coenunciador/relação entre sujeitos, intitulada como modalidade do sujeito do enunciado. Ela é constituída pelo fato de ser capaz de, poder e dever ou expressões modalizadoras: *Eu preciso, Eu devo...*

Em relação ao conceito de domínio nocional, pode-se dizer que, para a TOPE, ele está ligado ao estado de conhecimento e à atividade de elaboração de experiências de cada indivíduo, portanto, estão em relação com os fatores físicos, culturais e antropológicos do sujeito enunciado.

Os conceitos de domínio nocional e de noção ocupam o Centro da teoria Culioliana e estão ligados ao estado de conhecimento e à atividade de elaboração de experiências de cada indivíduo. As noções são captadas através de palavras, mas não correspondem a um léxico em uma determinada língua, porém apreendemos através de linguagens específicas e, portanto, sempre através de léxicos, ou seja, por meio de ocorrências. O termo domínio nocional remete às ocorrências abstratas (isto é, que eu posso imaginar, imaginável, aproximadamente, o que podemos chamar de passagem à classe) de uma noção tipificada que constituirá o domínio nocional.

Objetivos deste estudo

Por meio da reescrita do conto de fadas “Chapeuzinho Vermelho” produzida por alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I, objetiva-se levantar e descrever as operações enunciativas acionadas especificamente como estratégias de conclusão de narrativas; verificar os processos operatórios utilizados pelos alunos na reescritura; propor aos alunos operar com a língua escrita e, assim, criar novas maneiras de dizer, coenunciar; analisar as marcas do discurso modalizado presentes no texto do aluno.

Metodologia – Constituição do *corpus*

Segundo a teoria Culioliana, a Linguística é uma ciência que possui como objeto de estudo a linguagem apreendida por meio da diversidade das línguas naturais, por isso, a metodologia visa construir por meio de enunciados de classes de fenômenos com relações instáveis, considerando a linguagem (o enunciado) e a atividade da linguagem (a enunciação), observações e análises das diferentes operações envolvidas na produção textual dos aprendizes.

O *corpus* foi constituído pela reescrita do conto de fadas “Chapeuzinho Vermelho”, produzida por alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I de uma escola estadual na cidade de São Carlos, interior de São Paulo.

Para Culioli (1999), o objeto a ser observado são os textos orais e escritos; em nosso estudo, optamos pelo escrito, que é a própria enunciação, é a própria linguagem por meio das línguas naturais. A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas – TOPE – não trata especificamente sobre o ensino de línguas, mas podemos utilizá-la como base para uma proposta de ensino interacional/dialógica. É uma linguística voltada para os aspectos enunciativos, preocupada com o léxico-gramatical, um modelo descritivo em movimento, sempre em um contexto, não em frases soltas. Para o autor, a situação enunciativa é central e as ocorrências devem ser observadas no contexto enunciativo. O linguista deve estar envolvido no relacionamento que existe entre a atividade da linguagem e os enunciados nas várias línguas naturais.

Outro ponto importante abordado por Culioli se refere às condições de uso, pois se há usos, existem usuários, se há usuários, há intenções e objetivos e uma relação com outras pessoas a quem você se dirige, portanto, na análise da coleta de dados levou-se em conta todas essas questões. Para a Teoria de Culioli, o objetivo é estudar a língua por meio da diversidade dos idiomas.

Em primeiro lugar, obtivemos a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa sob o parecer de número 3.453.724 para analisar os textos dos alunos e, em seguida, escolhemos o conto de fadas muito conhecido pelas crianças: “Chapeuzinho Vermelho”. Entramos em contato com a escola estadual, conseqüentemente com a Direção da Escola, a coordenação, a professora e os alunos. Também providenciamos a autorização e aceitação dos pais e alunos para participarem da pesquisa.

Para a coleta de dados, adotamos o(s) seguinte(s) procedimento(s): a leitura do conto de fadas, no caso “Chapeuzinho Vermelho”, realizada pela professora da classe para todos os alunos, para evitar interferências; depois foi solicitada a reescrita individual do conto a partir de um ponto da narrativa.

O motivo que nos levou a pesquisar esse assunto foi investigar caminhos para uma reflexão sobre a sua atuação nas práticas de ensino aprendizagem, bem como proporcionar ao educando desenvolver sua criatividade, refletir e operar sobre a própria língua por meio de leitura, reescrita dos contos, aprimorando seu desenvolvimento linguístico-cognitivo. Dessa forma, procurou-se construir conhecimentos que proporcionaram aos aprendizes uma abordagem de ensino/aprendizagem de língua materna em um trabalho prático dentro do contexto escolar, de acordo com o planejamento curricular e plano de ensino da professora da turma. A pesquisadora explorou, no ensino-aprendizagem sob a ótica enunciativa, processos de linguagem que, por sua vez, promoveram o desenvolvimento linguístico-cognitivo nos educandos e também, com esses dados, espera-se contribuir para melhorar a atuação do profissional de Letras.

Algumas análises referentes à reescrita do conto de fadas: “Chapeuzinho Vermelho” sob a ótica da TOPE

Cabe esclarecer que o pré-construto é o lugar específico na narrativa em que o aluno marca um diálogo efetivo com o texto.

Chapeuzinho Vermelho – Irmãos Grimm

Era uma vez, numa pequena cidade às margens da floresta, uma menina de olhos negros e louros cabelos cacheados, tão graciosa quanto valiosa.

Um dia, com um retalho de tecido vermelho, sua mãe costurou para ela uma curta capa com capuz: ficou uma belezinha, combinando muito bem com os cabelos louros e olhos negros da menina.

Daquele dia em diante, a menina não quis mais saber de vestir outra roupa senão aquela e, com o tempo, os moradores da vila passaram a chamá-la de “Chapeuzinho Vermelho”.

Além da mãe, Chapeuzinho Vermelho só tinha uma avó bem velhinha, que nem conseguia mais sair de casa. Morava numa casinha no interior da mata.

De vez em quando ia lá visitá-la com sua mãe, e sempre levavam alguns mantimentos.

Um dia, a mãe da menina preparou algumas broas dos quais a avó gostava muito, mas, quando acabou de assar os quitutes, estava tão cansada que não tinha mais ânimo para andar pela floresta e levá-las para a velhinha.

[A partir daqui foi solicitada a reescrita]

Então, chamou a filha:

– Chapeuzinho Vermelho, vá levar estas broinhas para a vovó. Ela gostará muito. Disseram-me que há alguns dias ela não passa bem e, com certeza, não tem vontade de cozinhar.

— Vou agora mesmo, mamãe.

— Tome cuidado, não pare para conversar com ninguém e vá direitinho, sem desviar do caminho certo. Há muitos perigos na floresta!

— Tomarei cuidado, mamãe, não se preocupe.

A mãe arrumou as broas em um cesto e colocou também um pote de geleia e um tablete de manteiga. A vovó gostava de comer as broinhas com manteiga fresquinha e geleia.

Chapeuzinho Vermelho pegou o cesto e foi embora. A mata era cerrada e escura. No meio das árvores somente se ouvia o chilrear de alguns pássaros e, ao longe, o ruído dos machados dos lenhadores.

A menina ia por uma trilha quando, de repente, apareceu-lhe na frente um lobo enorme, de pelo escuro e olhos brilhantes.

Olhando para aquela linda menina, o lobo pensou que ela devia ser macia e saborosa. Queria mesmo devorá-la num bocado só. Mas não teve coragem, temendo os cortadores de lenha que poderiam ouvir os gritos da vítima. Por isso, decidiu usar de astúcia.

— Bom dia, linda menina! — disse com voz doce.

— Bom dia! — respondeu Chapeuzinho Vermelho.

— Qual é seu nome?

— Chapeuzinho Vermelho.

— Um nome bem certinho para você. Mas diga-me, Chapeuzinho Vermelho, onde está indo assim tão só?

— Vou visitar minha avó, que não está muito bem de saúde.

— Muito bem! E onde mora sua avó?

— Mais além, no interior da mata.

— Explique melhor, Chapeuzinho Vermelho.

— Numa casinha com as venezianas verdes, logo após o velho engenho de açúcar.

O lobo teve uma ideia e propôs:

— Gostaria de ir também visitar sua avó doente. Vamos fazer uma aposta, para ver quem chega primeiro. Eu irei por aquele atalho lá embaixo, e você poderá seguir por este.

Chapeuzinho Vermelho aceitou a proposta.

— Um, dois, três e já! — gritou o lobo.

Conhecendo a floresta tão bem quanto seu nariz, o lobo escolheu para ele o trajeto mais breve, e não demorou muito para alcançar a casinha da vovó.

Bateu à porta o mais delicadamente possível, com suas enormes patas.

– Quem é? – perguntou a avó.

O lobo fez uma vozinha doce, doce, para responder:

– Sou eu, sua netinha, vovó. Trago broas feitas em casa, um vidro de geleia e manteiga fresca.

A boa velhinha, que ainda estava deitada, respondeu:

– Puxe a tranca e a porta se abrirá.

O lobo entrou, chegou ao meio do quarto com um só pulo e devorou a pobre avozinha, antes mesmo que ela pudesse gritar.

Em seguida, fechou a porta, enfiou-se embaixo das cobertas e ficou à espera de Chapeuzinho Vermelho.

A essa altura, Chapeuzinho Vermelho já tinha esquecido do lobo e da aposta sobre quem chegaria primeiro. Ia andando devagar pelo atalho, parando aqui e acolá: ora era atraída por uma árvore carregada de pitangas, ora ficava observando o voo de uma borboleta, ou ainda um ágil esquilo. Parou um pouco para colher um maço de flores do campo, encantou-se a observar uma procissão de formigas e correu atrás de uma joaninha.

Finalmente, chegou à casa da vovó e bateu de leve na porta.

– Quem está aí? – perguntou o lobo, esquecendo de disfarçar a voz.

Chapeuzinho Vermelho se espantou um pouco com a voz rouca, mas pensou que fosse porque a vovó ainda estava muito gripada.

– É Chapeuzinho Vermelho, sua netinha. Estou trazendo broinhas, um pote de geleia e manteiga bem fresquinha.

Mas aí o lobo se lembrou de afinar a voz cavernosa antes de responder:

– Puxe o trinco e a porta se abrirá.

Chapeuzinho Vermelho puxou o trinco e abriu a porta. O lobo estava escondido embaixo das cobertas, só deixando aparecer a touca que a vovó usava para dormir.

– Coloque as broinhas, a geleia e a manteiga no guarda-comida, minha querida netinha, e venha aqui, até minha cama. Tenho muito frio, e você me ajudará a me aquecer um pouquinho.

Chapeuzinho Vermelho obedeceu e se enfiou embaixo das cobertas. Mas estranhou o aspecto da avó. Antes de tudo, estava muito peluda! Seria efeito da doença? E foi reparando:

– Oh, vovozinha, que braços longos você tem!

– São para abraçá-la melhor, minha querida menina!

– Oh, vovozinha, que olhos grandes você tem!

– São para enxergar também no escuro, minha menina!

– Oh, vovozinha, que orelhas compridas você tem!

– São para ouvir tudo, queridinha!

– Oh, vovozinha, que boca enorme você tem!

– É para engolir você melhor!

Assim dizendo, o lobo mau deu um pulo e, num movimento só, comeu a Chapeuzinho Vermelho.

– Agora estou realmente satisfeito – resmungou o lobo. Estou até com vontade de tirar uma soneca, antes de retomar meu caminho.

Voltou a se enfiar embaixo das cobertas, bem quentinho. Fechou os olhos e, depois de alguns minutos, já roncava. E como roncava! Uma britadeira teria feito menos barulho.

Algumas horas mais tarde, um caçador passou em frente à casa da vovó, ouviu o barulho e pensou: “Olha só como a velhinha ronca! Estará passando mal? Vou dar uma espiada”.

Abriu a porta, chegou perto da cama e... quem ele viu? O lobo, que dormia como uma pedra, com uma enorme barriga parecendo um grande balão!

O caçador ficou bem satisfeito. Há muito tempo estava procurando esse lobo, que já matará muitas ovelhas e cordeirinhos.

– Afinal, você está aqui, velho malandro! Sua carreira acabou. Já vai ver!

Enfiou os cartuchos na espingarda e estava pronto para atirar, mas então lhe pareceu que a barriga do lobo estava se mexendo e pensou: “Aposto que este danado comeu a vovó, sem nem ter o trabalho de mastigá-la! Se foi isso, talvez eu ainda possa salvá-la!”.

Guardou a espingarda, pegou a tesoura e, bem devagar, bem de leve, começou a cortar a barriga do lobo ainda adormecido.

Na primeira tesourada, apareceu um pedaço do pano vermelho, no segundo, uma cabecinha loura; na terceira, Chapeuzinho Vermelho pulou fora.

– Obrigada, senhor caçador, agradeço muito por ter me libertado. Estava tão apertado lá dentro e tão escuro... Faça outro pequeno corte, por favor, assim poderá libertar minha avó, que o lobo comeu antes de mim.

O caçador recomeçou seu trabalho com a tesoura, e da barriga do lobo saiu também a vovó, um pouco estonteada, meio sufocada, mas viva.

– E agora? – perguntou o caçador. – Temos de castigar esse bicho como ele merece!

Chapeuzinho Vermelho foi correndo até a beira do córrego e apanhou uma grande quantidade de pedras redondas e lisas. Entregou-as ao caçador que arrumou tudo bem direitinho dentro da barriga do lobo, antes de costurar os cortes que havia feito.

Em seguida, os três saíram da casa, esconderam-se entre as árvores e aguardaram.

Mais tarde, o lobo acordou com um peso estranho no estômago. Teria sido indigesta a vovó? Pulou da cama e foi beber água no córrego, mas as pedras pesavam tanto que, quando se abaixou, ele caiu na água e ficou preso no fundo do córrego.

O caçador foi embora contente e a vovó comeu com gosto as broinhas. E Chapeuzinho Vermelho prometeu a si mesma nunca mais esquecer os conselhos da mamãe: “Não pare para conversar com ninguém e vá em frente pelo seu caminho”.

Pré-construto: *“E Chapeuzinho Vermelho prometeu a si mesma nunca mais esquecer os conselhos da mãe: Não pare para conversar com ninguém e vá em frente pelo seu caminho”.*

1. *E Chapeuzinha Vermelha aprendeu a escutar os concehos de seus pais. (E Chapeuzinho Vermelho aprendeu a escutar os conselhos de seus pais).³*

Chapeuzinho Vermelho – nome próprio, portanto define, não é uma menina qualquer, é a Chapeuzinho Vermelho que aprendeu – no tempo espaço – os conselhos de seus pais. A ação verbal “aprendeu” está no pretérito perfeito e indica a finalização da ação. Pode-se dizer que estamos na quantificação – a menina aprendeu (agente) – QNT, atua como determinante da construção/realização de aprender a escutar. Observa-se também que ela “aprendeu” em qualquer espaço e tempo a escutar os conselhos de seus pais, trata-se de uma modalidade de asserção de certeza. Vejamos as glosas:

Houve uma aprendizagem (ouvida)

A aprendizagem foi concretizada (escuta)

Houve aprendizagem

Houve um pouco de aprendizagem

A aprendizagem se concretizou um pouco. Estamos falando da qualificação.

“Aprendeu a escutar” – O Processo (verbo) com valores de concomitância/anterioridade e posterioridade. O verbo se encontra no pretérito perfeito, essa ocorrência finaliza o benefício: “Aprendeu a escutar”, observa-se também uma ocorrência temporal, as propriedades intencionais de “aprender a escutar”.

2. *Chapeuzinho vermelho nunca desobedeceria sua mãe ce (se) alguém aparecer (aparecesse) ela continua (continuaría) andando.*

Nesta moral, o aluno utiliza o “nunca”, marca a negação em relação à oposição obedecer/não obedecer, mas também pode ser interpretado como marca de tempo “em momento algum”; o verbo utilizado encontra-se no futuro do pretérito que indica uma possibilidade e,

3 Cabe ressaltar que decidimos manter a escrita dos alunos que traz desvios de grafia, mas as respectivas correções encontram-se entre parênteses.

ao mesmo tempo, essa possibilidade vem negada pela marca “nunca”. Logo em seguida, a marca do condicional (se) é usada para interpretar da seguinte forma: “Ela nunca desobedeceria sua mãe se alguém aparecesse (no caso, o lobo), continuaria andando”. Os tempos verbais indicam uma condição para que se realize ou não o fato e a continuidade se dá por essa marca condicional. A marca da palavra “alguém” revela indeterminação, quem aparecesse ela não pararia para conversar, continuaria andando rumo à casa de Vovó. O aluno une as duas últimas enunciações da narrativa: *E Chapeuzinho Vermelho prometeu a si mesma nunca mais esquecer os conselhos da mamãe (Nunca desobedeceria): “Não pare para conversar com ninguém e vá em frente pelo seu caminho” (se alguém aparecer, ela continua andando)*. Ele utiliza a glosa: “Se alguém aparecesse, ela continuaria andando” para dizer: *“Não pare para conversar com ninguém e vá em frente pelo seu caminho”*

3. *Ela prometeu nunca desrespeita (desrespeitar) os conselhos de sua mãe. Não fale com estranhos.*

Nota-se nesta construção novamente a palavra “nunca”, ou seja, a marca de negação, mas, ao mesmo tempo, o aspecto temporal. Aqui o aluno utiliza o verbo “desrespeitar” para substituir o verbo “esquecer” e, em seguida, uma negação imperativa “Não fale com estranhos” em substituição a “Não pare para conversar com ninguém”. A marca “com estranhos” categoriza apenas o conjunto de pessoas que não se conhece, difere da marca “ninguém” que significa pessoas conhecidas ou não conhecidas.

4. *Nunca mais ouviu se falar no lobo (no lobo), ele nunca mais voltou (voltou) e todos viverão (viveram) felizes para sempre.*

Observa-se nesta moral a repetição da marca “nunca” que é de negação, mas também pode ser vista como um aspecto temporal, “em momento algum” que vem acompanhada da marca “mais”, que indica a intensidade dessa negação, e dessa marca temporal. Como “ele nunca mais voltou, todos ficaram felizes para sempre”. Há também a presença do pronome “Todos” marcando a generalização, uma conclusão da narrativa em que a personagem principal se inclui no termo “todos”. Porém, no uso do termo “no lobo”, pode-se observar que a interpretação do aluno recai sobre o desaparecimento do lobo para que tudo fique bem e tira-se a responsabilidade da personagem principal, Chapeuzinho Vermelho, que não ouviu os conselhos de sua mãe. Seria, portanto, a solução para o problema apresentado: o lobo desaparece, o problema também.

5. *Chapeuzinho vermelho (Vermelho) prometeu a nunca mais desobedecer (desobedecer) a regra da mamãe: não falar com ninguém quando está indo para a casa da vovó.*

Aqui, nota-se, além da marca “nunca”, negação, “mais” para intensificar a negação, a marca negativa do “não” falar com ninguém (indeterminação), ou seja, quando se está indo para a casa da vovó, não se deve falar com ninguém. Tem-se o verbo desobedecer novamente – desobedecer – não obedecer – obedecer. A marca “quando” se refere à temporalidade, ao momento em que a Chapeuzinho está indo para a casa da vovó.

6. *A Chapeuzinho vermelho (Vermelho) prometeu (prometeu) que nunca (nunca) mas (mais) ia desobedecer (desobedecer) a mãe.*
7. *A Chapeuzinho (Chapeuzinho) Vermelho prometeu que nunca (nunca) mais desobedecer-la (desobedecer-la) e que nunca mais (nunca mais) ia para o caminho que mãe manda que ela só (só) ia no caminho (caminho) da nanae (mamãe).*

Tanto no item (6) como no item (7), os aprendizes utilizam novamente a marca “nunca mais” e o verbo “desobedecer” como uma forma de conclusão da narrativa, de acordo com a interpretação do aluno. Porém na (8), nota-se que o aluno reforça mais uma vez a negação com o uso de “nunca mais” ir pelo caminho, só deveria ir pelo caminho indicado pela mamãe, revelando as marcas espaço/temporal.

8. *Chapeuzinho (Chapeuzinho) prometeu pra si mesma (si mesma) que não ia mais conversar (conversar) quando for (fosse) pra casa da vovó singa (siga) sempre o seu caminho.*

A presença da marca “não ia” juntamente com o advérbio “mais” intensifica essa marca negativa. Há também o uso do verbo “conversar”, a marca do imperativo afirmativo “siga” e o advérbio “sempre”, que indicam a aspectualidade de continuidade, Chapeuzinho Vermelho deveria seguir seu caminho, mesmo em outras situações. A marca “seu” indica o “eu, aqui e agora” para indicar o caminho certo/errado, ou seja, o certo seria aquele indicado pela mãe.

9. *la obedecer (obedecer) a mamãe e não ia com versar (conversar) com ninguém (ninguém) desconhecido (desconhecido) e no meio da floresta.*

Nota-se novamente o uso do verbo ir em “ia obedecer”, forma afirmativa, e depois a forma negativa “não ia conversar”. Tem-se, então, a apreciação afirmativa e depois a apreciação negativa. O uso da marca “ninguém desconhecido” é interpretado pelo aluno como se pode conversar com pessoas conhecidas, somente com as desconhecidas não se deve conversar. “E no meio da floresta” indica o lugar dos acontecimentos, a marca espaço/temporal.

10. *Todo mundo a pendeu (aprendeu) essa lição (lição) importante (importante) principau mete (principalmente) Xapeuzinho Ver melio (Chapeuzinho Vermelho) pur (por) sua mãe não confersar (conversar) com esta lós (estranhos) na rua.*

A marca “todo mundo” trata-se de uma generalização; o verbo aprender “aprendeu”, que está no pretérito perfeito, indica uma ação verbal finalizada, algo importante. Em “essa lição”, essa, pronome demonstrativo determinado, é acompanhado do adjetivo *importante*, “uma lição importante”; logo depois, é utilizada a palavra “principalmente” que particulariza o nome: Chapeuzinho Vermelho. Essa lição foi dada por sua mãe que disse: “não conversar com estranhos na rua”. O uso da negativa, com o termo “não”, particulariza o ato de conversar/não conversar com estranhos.

11. *Não pare para conversar com e segue seu caminho.*

Em “Não pare”, o aluno utiliza-se de uma imperativa negativa de forma generalizada; ele também deixou o espaço vazio <.....> que poderia ser preenchido com “ninguém, estranhos, desconhecidos etc.”. Depois da conjunção “e” que liga as duas orações, observa-se mais uma vez uma imperativa, porém agora afirmativa “segue”, referindo-se a uma ordem ou a um pedido que, na narrativa, foi dado pela mãe.

Pré-construto: “– Tome cuidado, não pare para conversar com ninguém e vá direitinho sem desviar do caminho certo. Há muitos perigos na floresta!”

1. *“Tome muito cuidado com a floresta, lá é muito perigoso, não pare para conversar com ninguém”.*

Essa moral foi retirada do meio da narrativa, pelo aluno, para fazer a conclusão. Nota-se dois enunciados na forma imperativa: o primeiro afirmativo, “Tome muito cuidado”, acrescenta a marca “muito” para dar intensidade à ação, logo a seguir vem o advérbio “lá”, que dialoga com a narrativa e retoma “floresta” pelo advérbio de lugar. Depois, em “Não pare para conversar com ninguém”, observamos o uso de um enunciado imperativo negativo “Não pare” e o termo “ninguém” que é uma marca de indeterminação. O aluno interpreta a narrativa e conclui com sua opinião, fazendo uma releitura daquilo que ouviu do conto.

Considerações finais

De posse dos dados coletados, observa-se que os aprendizes utilizaram os diferentes tipos de modalidade. Essas marcas são construídas a partir de noções: o sujeito, no caso, o aluno, constrói o domínio nocional e com sua criatividade utiliza-se de mecanismos enunciativos que o fazem refletir sobre a própria língua e, assim, passa por processos de

particularização e/ou generalização. Após o estudo da reescrita, nota-se a preocupação dos aprendizes em interpretar a narrativa e concluí-la de modo geral, mas observa-se também que alguns aprendizes conseguem iniciar a construção de uma tese (embrião da dissertação) que se valida com a verdade. As marcas linguísticas estão presentes na produção textual sob a forma de modalizações de apreciação, negação, verbos modais, também a noção de causalidade/consequência no que diz respeito a certo/errado, dentro do contexto da narrativa e de acordo com o estado de conhecimento e a atividade de elaboração de experiências de cada aluno.

Há também marcas que se referem à aspectualização, marcando a relação espaço-temporal sobre a qual se instaura a enunciação. Os valores espaciais “lá”, “na floresta”, “no meio da floresta”, “no caminho da mamãe”; os valores temporais de presente, passado e futuro, assim como os valores aspectuais que denotam continuidade/descontinuidade, perfectividade e imperfectividade, interatividade, incoatividade, finalização/não finalização. Importante destacar a presença de verbos no pretérito imperfeito e perfeito do indicativo, próprios do gênero, mas existem verbos no pretérito imperfeito do subjuntivo. Julgo importante citar esse fato, pois as produções textuais são de alunos de 3º ano do Ensino Fundamental I e demonstram um amadurecimento no seu desenvolvimento linguístico-cognitivo, um pensar sobre o processo da língua.

REFERÊNCIAS

CULIOLI, A. *Notes du Seminaire de D.E.A.* Université de Paris 7 – 1983-1984. Département de recherches linguistiques (D.R.L.), 1985. p. 1-46.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation – Tome IV – Tours e Détours.* Édition préparée por Rémi Camus – Limoges, Lambert-Lucas, 2018. p. 13-147.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation.* Tome 3, Paris: Ophrys, 1999a.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation.* Tome 2, Paris: Ophrys, 1999b.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation.* Tome 1, Paris: Ophrys, 1990.

GRIMM, I. Chapeuzinho Vermelho. In: *Ler e Escrever: livro de textos do aluno/Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação; seleção dos textos, Claudia Rosenberg Aratangy.* 7. ed. São Paulo: FDE, 2013.

VALENTIM, H. T. *Um estudo semântico-enunciativo de predicados subjectivos do português.* 2004. Dissertação (Doutorado em Linguística) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2004.